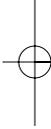
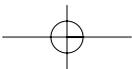
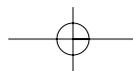
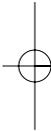
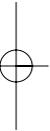
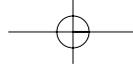


1 — O PROVÉRPIO TRADICIONAL PORTUGUÊS QUE EX- PLICA TUDO



Deus dá-nos as nozes, mas não é Ele quem as parte.





2 — O NEO-REALISMO

Esta era a primeira de uma série de histórias que eu ia começar a escrever, todas elas construídas como enclaves pequeninos de ficções inconsequentes. Seriam umas ficções elegantes, minimais, daquelas cujo alcance profundo nem todos conseguem abranger na primeira abordagem, e cujo domínio diz respeito às paragens mais recônditas e subjectivas que se escondem dentro da nossa alma — uma selecção discreta de fantasias minúsculas e sem destino, só para quem gosta de andar à escuta de rumores submersos.

Tinha o assunto planeado com cuidado, e até com esmero.

Era uma ideia de que eu gostava deveras.

E ia começar a tratá-la com imenso carinho.

Foi nesse estado de espírito que me sentei ao computador para colocar no edifício a sua primeira pedra.

Era muito cedo e estava muito frio. Eu atravessara a neve e o gelo e as rajadas devastadoras daquele vento que corta as pessoas à faca e lhes petrifica a pele para sempre. Suspirei de alívio ao entrar no edifício aqueci-

do. Atirei com a porta atrás de mim. Enchi uma chávena de café. Esfreguei as mãos umas na outra. Disse para os colegas que iam a passar as coisas do costume que se dizem em dias destes. Pendurei o casaco e ajeitei a cadeira.

Lá fora a neve do chão levantava-se em turbilhões e voltava a cair.

Da sala do fundo chegava o som de classic rock de um rádio que fica sempre ligado no mesmo posto.

Tudo estava no seu lugar e eu ia começar a escrever a minha primeira pequena ficção sem consequência.

Nessa altura veio alguém do andar de cima e pousou ao meu lado um fax que tinha acabado de chegar.

Os faxes normalmente são para tratar de encomendas de reagentes, ou de expedientes de serviço com editoras, ou outras coisas assim. Ou então são para trocadinhas de brincadeiras entre pessoas que estão longe umas das outras e enviam uns acenos de familiaridades antigas para iludir a distância. Os faxes pertencem ao mundo confortável que há do lado de dentro das janelas, e, por definição, são bons. São, na sua própria essência, uma confirmação de que tudo está no seu lugar; e uma garantia de que o mundo que vem aí é cada vez melhor na sua universalidade electrónica.

Olhei para o papel e sorri, porque a caligrafia era a de uma das minhas melhores amigas.

Este fax não é nenhuma ficção. Recebi-o mesmo esta manhã, no aconchego do laboratório, depois de ter comido corn flakes a ouvir as primeiras notícias do mundo na CNN. E, palavra por palavra, dizia exactamente assim:

«Clarinha,

«Lembrei-me que fazias anos no sábado mas não tive coragem para te telefonar pois estou na maior angústia da minha vida. Soube que na quinta-feira passada assassinaram em Angola o meu irmão Jorge, a minha cunhada e os seis filhos. Consta que foram barbaramente assassinados por elementos da UNITA. Também consta que o fizeram por ser branco e ser um empresário com ‘algum sucesso’.

«O meu sofrimento é muito grande mas fico feliz por teres feito anos. Os meus parabéns.

«Beijinhos».

E agora estou aqui, na América, num mundo todo ligado por faxes e a olhar para as pipetas e para as centrifugadoras com o desespero dos impotentes.

Desculpem.

Há alturas em que não faz qualquer espécie de sentido escrevermos pequenas ficções sem consequência. Porque o que nos chega em poucos segundos através do Atlântico é muito mais poderoso, e muito mais cruel, e muito mais insustentável do que a ficção. É uma pequena realidade sem consequência, oito pessoas mortas num sítio onde as pessoas andam todas a matar-se umas às outras por razão nenhuma e sem finalidade nenhuma. Ou por emaranhados de razões e finalidades tão complexos e amalgamados que se transformaram num nó górdio que já nem sequer se vê, o que vai tudo dar ao mesmo. As pessoas já nem sequer se matam por ideais ou coisas dessas assim. Matam-se porque estavam ali a jeito, e por acaso até tinham algum sucesso, e de qualquer maneira havemos de morrer todos, mais cedo ou mais tarde.

Eu ando para aqui a injectar uns coelhos e a digitalizar umas imagens de fluorescência, e a ter umas alegrias e